



Faculdade Unb Planaltina- FUP
Gestão Ambiental
Trabalho de Conclusão de Curso

LAIS MARIA SANTOS HIRSCH TARDIN

**Senso de Emergência: compreensões da Educação Ambiental acerca do Colapso
Ambiental e do Antiecológismo**

Planaltina - DF
2022

LAIS MARIA SANTOS HIRSCH TARDIN

**Senso de Emergência: compreensões da Educação Ambiental acerca do Colapso
Ambiental e do Antiecológismo**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Programa de Bacharelado em
Gestão Ambiental, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Gestão
Ambiental, da Universidade de Brasília.

Orientador (a) Pesquisa: Prof. Dr. Philippe
Pomier Layrargues

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sempre estar ao meu lado me guiando, me protegendo e dando as forças necessárias para continuar nessa caminhada da vida.

Agradeço aos meus pais, que mesmo nos momentos de desespero estiveram ao meu lado me acalmando e dando todo o amor possível, sempre acreditando no meu crescimento. Agradeço aos meus irmãos, Carlos Victor e Elis, por me motivarem a ser cada dia melhor e me estimularem a vencer meus desafios.

Agradeço ao meu companheiro de vida, José Matheus, por estar sempre presente em cada momento e me ajudar a vencer todas dificuldades, tornando com seu amor as adversidades mais leves. Sua ajuda foi essencial.

Agradeço às minhas amigas, Sabrina, Sarah e Júlia Rafaela, por todo companheirismo nessa jornada dentro da universidade, sem elas não seria possível concluir esse ciclo. Obrigada por todo carinho e paciência, vocês são muito importantes.

Agradeço aos meus primos, Isabella, Marco, Gustavo e Lorena por sempre estarem ao meu lado, me incentivando e auxiliando em todos os momentos.

Agradeço a UnB e a FUP, por me proporcionarem colecionar momentos inesquecíveis, o conhecimento obtido e as experiências ficarão em minha memória para sempre. Agradeço aos professores, por cada aprendizado.

Agradeço ao professor Irineu Tamaio e a professora Vanessa Hacon por aceitarem fazer parte da banca examinadora e aprimorarem a versão final do meu estudo.

Em especial, agradeço ao professor Philippe Layrargues, por me orientar nesse percurso e me ajudar em cada desafio.

TARDIN, Lais Maria Santos Hirsch.

Senso de Emergência: compreensões da Educação Ambiental acerca do Colapso Ambiental e do Antiecológico. Lais Maria Santos Hirsch Tardin. Planaltina - DF, 2022.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília. Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental. Orientador: Prof. Dr. Philippe Pomier Layrargues.

Educação ambiental. Colapso Ambiental. Emergência Climática. Antiecológico. TARDIN, Lais Maria Santos Hirsch.

LAÍS MARIA SANTOS HIRSCH TARDIN

Senso de Emergência: compreensões da Educação Ambiental acerca do Colapso Ambiental e do Antiecológico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Gestão Ambiental da Faculdade UnB Planaltina, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão Ambiental.

Banca Examinadora:

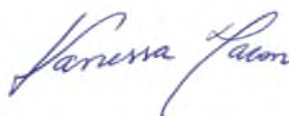
Planaltina-DF, 27 de abril de 2022



Prof. Dr. Philippe Pomier Layrargues – FUP/UnB



Prof. Dr. Irineu Tamaio – FUP/UnB



Prof. Dra. Vanessa Hacon – FUP/UnB

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar e compreender acerca da reação ante o agravamento da conjuntura ecopolítica atual, o colapso ambiental e o antiecológismo. Também foi avaliado se a prática de Educação Ambiental está em sintonia com a situação de emergência em que vivemos. Diante disso, foram entrevistadas lideranças da educação ambiental e utilizou-se da análise de discurso para interpretar as falas dos educadores, essa metodologia possibilitou o esclarecimento das relações de causa e efeito da atual situação da crise ambiental global. Com o resultado, observou-se que o colapso ambiental está presente e que o impacto antrópico é uma das principais razões; observou-se que o senso de emergência existe dentro dos extratos. Com isso, a educação ambiental precisa ser crítica a ponto de ser uma ação de transformação social, despertando o senso de urgência e mudando a visão da sociedade, assim restabelecendo a conexão necessária em prol da relação entre ser humano e natureza.

Palavras-chave: Educação ambiental; Colapso Ambiental; Emergência Climática; Antiecológismo.

ABSTRACT

This aims to analyze and understand the approach of the reaction to the worsening of ecopolitics, environmental regrouping and anti-ecology. It was also evaluated whether the practice of Environmental Education is in line with the emergency situation in which it is updated. In view of this, great leaders of environmental education were interviewed and discourse analysis was used to interpret how educators' speeches, this methodology made it possible to clarify the cause and effect relationships of the current situation of the global environmental crisis. With the results, it was observed that the environmental result is present and that the anthropic impact is one of the main reasons. With this, environmental education needs to be critical to the point of being an instrument of social transformation, awakening a sense of urgency and changing society's vision, thus, restoring the nature of nature.

Keywords: Environmental education; Environmental Collapse; Climate Emergency; Anti Ecologism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 COLAPSO AMBIENTAL	14
2.2 ANTIECOLOGISMO	16
2.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL	18
3. METODOLOGIA	21
4. RESULTADOS	24
4.1 Percepção da emergência ambiental	24
4.2 Reação da EA à conjuntura de emergência ambiental	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6. REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE	40

1. INTRODUÇÃO

O Colapso Ambiental abrange sequências de acontecimentos globais que atingem, diretamente, nosso planeta e conseqüentemente toda a população aqui existente e está ligado diretamente com esse mundo caótico e capitalista a que pertencemos. A crise climática, a escassez hídrica, a pandemia de COVID-19, o aquecimento global, o exagerado uso dos recursos naturais, a degradação ambiental, o desmatamento são algumas das evidências de que o colapso está presente. Os serviços ecossistêmicos pedem socorro de todas as formas possíveis, mas o modelo de produção capitalista é individualista, visando sempre lucros independente dos impactos que irá causar e qual será a proporção dos danos causados.

Desmatamento. Queimadas. Tráfico de animais silvestres. Petróleo. Agrotóxicos. Um modelo produtivo pautado pelo interesse da reprodução do Capital. Uma lógica econômica fundamentada no Mercado como regulador social. Um projeto desenvolvimentista ecocida orientado pela necropolítica. São muitos os limites ultrapassados, são muitos e de várias ordens os abusos cometidos pela atual ordem mundial capitalista. E por causa desses limites que foram ultrapassados que surgiram toda essa ordem de crises e colapsos. (LAYRARGUES, 2020, pág. 28)

É evidente que o Colapso Ambiental está avançando de forma rápida, ademais, existe um mal que contribui para a intensificação da problemática: o Antiecológico.

O início da primeira década do século XXI testemunhou subitamente o recuo da conciliação entre o mercado e a natureza, entre a economia e a ecologia. O pacto da sustentabilidade foi desfeito e assim se deu o surgimento do antiecológico, demarcando uma nova era nas relações do poder antagônico e desigual entre o desenvolvimento e a proteção ambiental. (LAYRARGUES, 2020).

O resultado da ação antiecológica se evidencia com o recuo da fronteira da sustentabilidade, particularmente no que diz respeito às institucionalidades ambientais públicas, ou seja, os instrumentos de política, de direito e de gestão aplicados ao controle da degradação ambiental e à orientação para a sustentabilidade (LAYRARGUES, 2017).

O Antiecológico está impregnado na sociedade, mas não é debatido e não alcança a visibilidade necessária, isso é constatado com o atual cenário político, onde o chefe de poder se posiciona contra as políticas de regulamentação ambiental, que segundo ele, servem apenas para atrasar o crescimento econômico do Brasil. Um país que elegeu um presidente, com pensamentos retrógrados, que compactua e impulsiona o retrocesso ambiental não tem condições de lidar com o Colapso Ambiental, acarretando, diretamente, com o desmonte

ambiental federal. Ao mesmo tempo em que desmonta a governança ambiental construída desde a Constituição de 1988, o governo se recusa a fazer política pública. (WERNECK et al, 2021, pág.3)

(...) o antiecológismo surge e se manifesta nos momentos em que não parece economicamente viável tomar certas posturas ou qualquer postura ambientalista. Neste momento, indivíduos ou organizações se opõem às correntes ambientalistas, as depreciam, desqualificam ou ignoram. (ACCYOLY, 2015).

O Colapso Ambiental é sério e precisa ser debatido. O atual modo de produção capitalista gera um consumo exorbitante que traz consigo essa produção desenfreada, ocasionando na exploração de recursos naturais que grande maioria da sociedade acha que são ilimitados. Simultaneamente a esse consumo, temos uma política de ecocídio e um governo antiecológista, negacionista, provocando um grave ataque institucional que deixa de lado as políticas públicas ambientais e desprotege o meio ambiente. Os impactos ambientais são muitas vezes autorizados pelo Estado e infelizmente pela própria sociedade, que não entende a real problemática.

Enfrentar a crise socioambiental, nesta perspectiva de uma crise civilizatória, requer uma ruptura com modo de produção e consumo hegemônico e em seu modo de pensar e viver o mundo, o que nos impõe uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Requer a afirmação de um outro modo de ser e estar no mundo, um modo dialógico, inclusivo e solidário. Não há uma rota de fuga para alguns, pois somos todos vulneráveis, juntos somos mais fortes na construção de novos caminhos. É, portanto, pela urgência e gravidade da crise que acreditamos importante a radicalidade da formação e atuação dos educadores ambientais. (CARTEA E GUIMARÃES, 2020)

A Educação Ambiental (EA) é uma prática que busca auxiliar na contenção e enfrentamento dos problemas ambientais. Surge para modificar e minimizar impactos que os seres humanos causaram/causam no ambiente.

A EA é um grande alicerce para a sociedade, entretanto, quando falamos dela aplicada no Brasil, remetemos a uma educação conservadora que se tornou instrumento do governo, um aparelho para servir o capitalismo, que por sua vez dissemina consumo e omite as verdadeiras causas do Colapso Ambiental. A Educação Ambiental está sendo convocada pelas políticas públicas, a servir como um aparelho ideológico de Estado a serviço do capital, que contribua com o envolvimento pedagógico difusionista. (LAYRARGUES, 2018).

Contudo, esse modelo, EA conservadora, não cabe mais em nosso meio e precisa ser rompido. Esse sistema ilusório de que não existe emergência climática, que as queimadas do Pantanal foram causas naturais e que se você jogar seu lixo fora no lugar certo, tudo estará resolvido é

fulcral para se compreender a urgência da problemática. Na conjuntura em que vivemos, é essencial a mobilização do sujeito para identificar e lutar contra esse marasmo de mentiras, o desmonte ambiental é existente e está mais perto do que podemos imaginar.

Para o campo da Educação Ambiental, não se trata apenas de incorporar novos temas para debate pedagógico. Além de conteúdos programáticos, é preciso também que haja uma nova atitude do cidadão, não apenas ‘ecológico’, mas ecopolítico, que supere a importante mas desproporcional contribuição individual para a sustentabilidade e se engaje na luta política, que integre movimentos políticos, faça parte da esfera pública, que se engaje na causa, que seja movido pela ambição de interferir. (LAYRARGUES, 2020, pág. 29)

Dentro desse cenário, é necessário tratar de Educação Ambiental Crítica, dado que é um campo do conhecimento que nos permite compreender a crise ambiental e buscar uma transformação socioambiental, capaz de mudar o sistema político e econômico vigente. Trazendo, assim, uma mobilização do sujeito contra o desmonte ambiental e a percepção que o retrocesso ambiental existe e precisa acabar.

“A Educação Ambiental Crítica objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas” (GUIMARÃES, 2004, pág. 30). Em consonância com o exposto, é preciso adotar a prática da EA Crítica para que seja possível propor uma abordagem que atenda os problemas estruturais da atualidade.

Diante desse contexto, este trabalho foi elaborado a partir da temática da Educação Ambiental relacionada aos desafios do Colapso Ambiental e do Antiecologismo. O tema, também abrange a análise e reformulação dos propósitos da EA, para que haja um debate com a política ambiental e atenda as dificuldades e desafios do agora.

“A EA é considerada uma ferramenta cultural com capacidade de imaginar e promover padrões socioeconômicos alternativos, que atendam às necessidades das pessoas e não aos interesses dos mercados” (CARTEA E CARIDE, 2020).

A partir dessas colocações, essa pesquisa visa responder a seguinte pergunta: A Educação Ambiental no Brasil, em tempos de Colapso Ambiental agravado com o signo do Antiecologismo, está trabalhando pedagogicamente o senso de emergência ambiental e o perigo do retrocesso ambiental? A EA está preparada para a reformulação de seus propósitos? A EA está desenvolvendo o ‘senso de urgência’ necessário ao enfrentamento dessa conjuntura?

“Essa impactante conjuntura seria capaz de provocar na Educação Ambiental alguma reação no sentido do desenvolvimento de um esforço programático de intensificação da formação cidadã, constituindo um ‘sujeito ecopolítico’ dotado de conhecimentos, competências e habilidades para agir politicamente na luta ambiental democrática contra as políticas públicas ecocidas implantadas pelo regime antiecológico de Bolsonaro? Ou o campo da Educação Ambiental se manteria indiferente à nova conjuntura, circunscrito à anacrônica e inócua fórmula neoliberal de se pensar e fazer Educação Ambiental, permanecendo estagnada na prática de seguir conformando os educandos em dóceis e obedientes sujeitos ecológicos? Oportunidade da mudança para a formação de um sujeito irreverentemente ecopolítico seria desperdiçada?” (LAYRARGUES, 2020, pág. 25)

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar as compreensões que algumas lideranças do campo da Educação Ambiental possuem quanto à reação ante o agravamento da conjuntura ecopolítica atual ante o Colapso Ambiental e o Antiecológico. Para tanto, traçou-se objetivos específicos: analisar as compreensões das lideranças do campo da Educação Ambiental diante da gravidade do Colapso Ambiental e do desmonte ambiental, avaliar a percepção sobre como e quando o campo da EA deva se reformular para entrar em sintonia com a situação de emergência do agravamento das condições ambientais planetárias e diagnosticar a compreensão das características de uma EA em sintonia com o agravamento atual da crise ambiental global.

A metodologia consiste em uma pesquisa bibliográfica sobre as compreensões da EA acerca do Colapso Ambiental e do Antiecológico. O tipo de abordagem utilizada foi a qualitativa, de natureza explicativa e de finalidade básica. A pesquisa é de gênero teórico-empírica com dados obtidos através de entrevista semiestruturada, junto a uma pequena amostra de lideranças do campo da Educação Ambiental. A fim de entender e explicar as respostas obtidas, foi empregada a análise de discurso crítico. “Empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente.” (GREGOLIN, 1995, pág.20)

“Importava à AD a investigação do modo como os indivíduos interagem pela linguagem e a descrição das funções que formas linguísticas realizavam em práticas discursivas específicas; normalmente institucionais e ligadas ao Estado. Essa vertente dos estudos discursivos enfocava a linguagem em seu uso concreto, como prática social, e contemplava a produção de sentido do discurso como resultante do processo de interação social.” (FERREIRA, 2009, pág.5)

Ainda segundo Ferreira (2009)

“os diferentes processos de reprodução social do poder hegemônico através da linguagem – a princípio muito ligado a políticas partidárias – e que a fez direcionar suas bases epistemológicas para um foco central – a idéia de que o sujeito não é dono de seu discurso, mas assujeitado por ele”. (FERREIRA, 2009, pág.5)

Diante do exposto, é lícito postular que o discurso está, mesmo que indiretamente, relacionado com a interpretação de falas ideológicas. Dito isso, a análise de discurso é uma ferramenta importante para se compreender as práticas e interações sociais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 COLAPSO AMBIENTAL

O modelo capitalista é um sistema econômico que objetiva o lucro a qualquer custo, não é preciso ir longe para enxergar as inúmeras destruições causadas em todo o mundo, as consequências do descontrolado uso dos recursos naturais, muitas das vezes irreversíveis, vem causando uma degradação socioambiental, que afeta não somente o meio, mas toda a população, principalmente grupos e classes sociais em situação de vulnerabilidade econômica, gerando assim uma enorme crise.

(...) destacamos como relevante a chamada crise civilizatória, cujo reflexo sobre o meio ambiente, se mostra claramente com o processo de degradação ambiental, o esgotamento dos recursos naturais e seus efeitos para a humanidade em geral, e particularmente para os setores populares. (GROSSI, 2009, pág.35)

Existem os negacionistas, que colocam uma venda nos olhos quando se fala na relação entre humano e natureza. Uma relação unilateral, onde não existe zelo ou qualquer tipo de cuidado com o meio ambiente. Segundo Médiçi (1993) (...) as forças naturais são apropriadas, dimensionadas e planejadas pelo humano em função das necessidades de acumulação do capital.

Todo o crescimento e enriquecimento humano ocorreu às custas do encolhimento e empobrecimento do meio ambiente (...). A dívida do ser humano com a natureza cresce a cada dia e a degradação ambiental pode, no limite, destruir a base ecológica que sustenta a economia e a sobrevivência. (DINIZ, 2020, pág.3)

Esse acúmulo de atribuições que são despejadas em cima da natureza, que é limitada, juntamente com a visão apenas do capital, sem existir uma consciência da população para a devida conservação do meio ambiente, gera consigo um gigantesco colapso, no qual não atinge apenas o lado ambiental, mas também o lado social e o econômico.

“Muitas pessoas têm a expectativa de algum grau de colapso, seja econômico, ambiental e/ou social, pensando que reconhecerão os sinais de perigo a tempo. Como se fosse algo completamente óbvio, como um blockbuster de Hollywood. Completo, com claras advertências dos cientistas, dos políticos e da mídia. E todo mundo poderá então entrar em pânico ou se tornar um herói destemido. Mas não é assim que o colapso funciona. Colapso é um processo, não um evento. E ele já está em curso, à nossa volta. O colapso já está aqui.” (MARQUES, 2020, pág.2)

O Colapso Ambiental não acontece de uma hora para outra, é uma resposta ao acúmulo das ações humanas, e isso reflete diretamente no comportamento natural do meio ambiente.

Uma característica basilar do processo de colapso dos sistemas interdependentes em que vivemos (sociedades, biosfera e sistema climático) é o fato de não evoluir a uma velocidade constante. Sua dinâmica é marcada por acelerações e desacelerações. (MARQUES, 2020).

É preciso entender que estamos enfrentando essa crise, o planeta vem dando sinais de que está no seu limite há anos e isso é ignorado por muitos. O Colapso Ambiental não é mais apenas um cenário eventual do futuro. (MARQUES, 2020).

Não se pode deixar de falar da era do Antropoceno, tendo em vista toda problemática do Colapso Ambiental, atrelado com a crescente marca que a sociedade moderna vem deixando no meio ambiente, que ocasiona uma crescente exploração dos recursos naturais. Desde os anos 1980, alguns pesquisadores começaram a definir o termo Antropoceno como uma época em que os efeitos da humanidade estariam afetando globalmente nosso planeta (ARTAXO, 2014).

No Antropoceno, a humanidade danificou o equilíbrio homeostático existente em todas as áreas naturais. Alterou a química da atmosfera, promoveu a acidificação dos solos e das águas, poluiu rios, lagos e os oceanos, reduziu a disponibilidade de água potável, ultrapassou a capacidade de carga da Terra e está promovendo uma grande extinção em massa das espécies. O egoísmo, a gula e a ganância humana provocam danos irreparáveis e um ecocídio generalizado, que pode se transformar em suicídio. (DINIZ, 2020, pág. 2)

Antropoceno é uma nova época geológica e humana, caracterizada pelo protagonismo da humanidade como força transformadora do planeta (Rockstrom et al., 2009). Segundo Crutzen (1995), representa um novo período da história do Planeta, em que o ser humano se tornou a força impulsionadora da degradação ambiental e o vetor de ações que são catalisadoras de uma provável catástrofe ecológica.

Além disso, é inegável que a sociedade moderna está gerando alterações que estão prejudicando a sistemática ambiental e ultrapassando limites planetários:

O início do Antropoceno coincide com a ultrapassagem dos limites planetários. Os limites planetários – mudança do clima, integridade da biosfera, fluxos biogeoquímicos do nitrogênio e do fósforo, diminuição da camada de ozônio, acidificação dos oceanos, uso da água doce, uso dos solos, poluição agregada global por aerossóis e contaminação química (Rockstrom et al., 2009, pág.3)

Em consonância ao que Attenborough (2020) afirma,

“Estamos diante da possibilidade real de uma sexta extinção em massa, causada por ações humanas (...) Dentro da vida útil de alguém nascido hoje, prevê-se que a nossa espécie provocará nada menos que o colapso do mundo vivente, precisamente no que se baseia a nossa civilização”. (ATTENBOROUGH, 2020)

É possível salientar que o Colapso Ambiental se compreende como uma problemática fulcral para o âmbito socioambiental. Devido a sua hodiernidade, é emergente o debate acerca das causas e consequências acarretadas pelo mesmo, uma vez que essas sucessivas degradações ambientais estão agravando o desequilíbrio nas relações entre o humano e o meio em que ele vive.

2.2 ANTI ECOLOGISMO

Segundo Layrargues (2017),

“o Antiecológismo é um fenômeno social que basicamente se expressa por meio de práticas discursivas, simbólicas, políticas, institucionais e inclusive criminais, que tem como propósito afetar negativamente aspectos específicos tanto o imaginário social como a prática ecologista.”(LAYRARGUES, 2017, pág.1)

Accioly (2012), conceitua como, “fenômeno de negação da dimensão ambiental, que se expressa concretamente em uma sociedade onde os discursos governamentais pendem para a “economia verde” e a “sustentabilidade”.

Analogamente a isso, tais afirmações podem ser visualizadas a partir das ações governamentais impregnadas no Brasil, “Bolsonaro reafirmou seguidamente que iria retirar o ‘viés ideológico’ da política ambiental brasileira.” (LAYRARGUES, 2020). Ademais, pode-se observar um retrocesso no que diz respeito à defesa ambiental e social, onde um chefe de poder utiliza de sua autoridade para desmontar a política pública ambiental, querendo fortalecer o crescimento econômico do país, como se fosse a única necessidade do Brasil.

(...) “observa-se o desbloqueio absoluto – sem sequer um verniz de regulação – dos vetores que configuram a economia de fronteira, que sempre operaram na região, por meio tanto de posicionamentos públicos, quanto de medidas governamentais, tais como: a reiteração do argumento xenófobo de que a interferência estrangeira em terras indígenas e na proteção ambiental dificulta o progresso do país, a que respondem as diretrizes de não demarcar mais Terras Indígenas, rever a criação de áreas protegidas e abrir tais territórios ao desenvolvimento comercial; a desarticulação do sistema de regulação ambiental, em especial a revisão em curso da legislação sobre licenciamento ambiental de empreendimentos, o relaxamento geral da fiscalização e “assédio moral coletivo” a que estão submetidos os profissionais desta área; o uso sistemático de informações mentirosas e distorcidas sobre inúmeras questões ambientais; a afirmação de que os dados sobre o desmatamento gerados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Especiais são manipulados – que é parte da ofensiva mais ampla contra a educação, a pesquisa científica e as instituições responsáveis por estas.”(BARRETO FILHO, 2020, pág. 6)

O cenário brasileiro atual é desanimador em relação aos índices de sustentabilidade, tal como, aumento de queimadas e desmatamento na Amazônia; retrocessos, perdas e derrotas políticas no campo ambiental (ALVES; MARTINS, 2021). Os indícios de uma política negacionista e antiecológica estão em todas as ações autoritárias:

(...) não estaríamos diante de um autoritarismo clássico, baseado em leis e instituições sob o comando de um ditador, mas de um governo que desbloqueia os freios à violência opressiva e deixa correr um *laissez-faire* na sociedade civil (no seu sentido amplo), liberta de quaisquer limites legais. (NETO, 2019, pág. 7)

Para Layrargues, “o resultado da ação antiecológica se evidencia com o recuo da fronteira da sustentabilidade, particularmente no que diz respeito às institucionalidades ambientais públicas”.

“(...) o anti ecologismo surge e se manifesta nos momentos em que não parece economicamente viável tomar certas posturas ou qualquer postura ambientalista. Neste momento, indivíduos ou organizações se opõem às correntes ambientalistas, as depreciam, desqualificam ou ignoram. (ACCIOLY; SANCHEZ, 2015, pág.124)

Diante do exposto, constata-se que o governo Bolsonaro é um real representante do antiecológismo, usa de seu caráter predatório, para impactar na conjuntura ecológica e intensificar o Colapso Ambiental, de modo que ocasiona em um enorme desmonte ambiental. “O antiecológismo na versão Bolsonaro não mede esforços para dissimular o desmonte. Procura não chamar a atenção.” (LAYRARGUES, 2020).

(...) logo no início do governo Bolsonaro, o atributo democrático central da política ambiental brasileira também foi suprimido, com o desmonte do CONAMA, quando se restringiu a participação da sociedade civil organizada representativa do universo das organizações ambientalistas não-governamentais, neutralizando assim, a voz dos ‘ativistas ambientais’. Junto desse movimento antidemocrático, o governo deu outro passo na direção da censura, ao centralizar no MMA todas as informações da gestão ambiental de suas autarquias IBAMA e ICMBio, que perderam sua autonomia; e ao negar-se a responder solicitações de informações pela mídia: nada menos que oito em cada dez reportagens sobre a política ambiental brasileira terminaram com uma nota final, esclarecendo que até a finalização daquela matéria a assessoria de comunicação do MMA não havia se manifestado sobre o assunto solicitado. (LAYRARGUES, 2020, pág.24)

O Antiecológismo brasileiro atualmente em vigor: frente a condições macroeconômicas desfavoráveis inerentes de um modelo de economia calcado no produtivismo e na livre-iniciativa, a Natureza paga a conta, com menos instrumentos de proteção ambiental à sua disposição, e com um modelo extrativista ainda mais predatório. (LAYRARGUES, 2017).

Salienta-se o fato de que o antiecológismo é um fenômeno silencioso, tendo pouco destaque nos debates sociais, muitas pessoas nem sabem o seu significado.

“O antiecológismo é um fenômeno social e silencioso, que designa um conjunto de práticas sociais que circulam por nossa sociedade, com o intuito de desqualificar os ethos ecologistas de matriz preservacionista e crítica, para atender os interesses relacionados com o crescimento econômico.”(ALVES; MARTINS, 2021, pág. 2)

Dentre as práticas do antiecológismo destacamos: o silenciamento de denúncias sobre degradação e a injustiça ambiental, a criação de dificuldades na vigilância e na punição de empreendimentos predatórios, a difamação e ofensa daqueles que pensam um desenvolvimento econômico diferente da perspectiva antiecológica. (ALVES; MARTINS, 2021).

Desta forma, torna-se necessário a indagação do antiecológismo mediante a atual realidade em que vivemos. Existe uma emergência educacional acerca de conceitos e ações que estão presentes no dia a dia, mesmo que de forma implícita, precisa ser debatida e implementada a conscientização do sujeito, para que tenhamos uma visão crítica das atrocidades que vem acontecendo no Brasil e no mundo.

(...)“Antiecológismo”, um fenômeno social cujo conceito explicativo de suas lógicas ainda está por conquistar o espaço que merece no debate acadêmico e ambiental, para oferecer instrumentos capazes de desnudar sua essência, diante das robustas implicações científicas e políticas da ação antiecológica.” (LAYRARGUES, 2017, pág.1)

2.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental, como componente de uma cidadania abrangente, está ligada a uma nova forma de relação ser humano/natureza, e a sua dimensão cotidiana leva a pensá-la como somatório de práticas e, conseqüentemente, entendê-la na dimensão de sua potencialidade de generalização para o conjunto da sociedade. (JACOBI, 2003)

Segundo Quintas (2008), a Educação Ambiental deveria ser direcionada para a compreensão e busca da superação das causas estruturais da crise ambiental, sempre partindo de situações concretas, por meio da ação coletiva e organizada. Desta maneira, a EA é um instrumento valioso na educação, para que se tenha uma transformação partindo das causas estruturais, atingindo o problema pela raiz.

A educação ambiental nasce como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre

benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza. Ela deve, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e co-responsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais. (SORRENTINO, 2005, pág. 288)

A Educação Ambiental é uma ação de mudança social, onde diálogos e debates são essenciais para tornar a sociedade com conhecimentos além do senso comum. No entanto, deve-se questionar, ante esse cenário de agravamento do Colapso Ambiental, da Emergência Climática e o desmonte governamental, se a EA atual está fazendo seu papel de acordo com a conjuntura política atual.

A Educação Ambiental brasileira se inscreve nessa lógica. Ao curso dos anos, ela teria sofrido uma inflexão nas suas intencionalidades pedagógicas e atualmente se encontra totalmente domesticada pelo currículo oculto do ambientalismo de mercado. Aparelhada ideologicamente, tornou-se um modelo conservador e reformista de Educação subserviente ao sistema. (LAYRARGUES, 2020. pág 46)

O Brasil, frente às crises ambientais e socioambientais, adota uma EA Conservadora, no qual é utilizada como instrumento do Estado em prol da cultura capitalista, deixando de agir e fazer seu papel fundamental na sociedade, se tornando ineficaz,

(...) é ineficaz, porque não está dentro do seu enquadramento programático nem entre as competências esperadas, o desenvolvimento das qualidades necessárias para o efetivo enfrentamento da emergência dessas múltiplas e inter-relacionadas crises: o modelo conservador de Educação Ambiental não trabalha com os pressupostos da Ecologia Política para a correta fundamentação conceitual dos fenômenos e mecanismos dinamizadores da degradação ambiental e da crise ambiental, e tampouco se dispõe a formar sujeitos políticos que saibam se expressar para além da esfera doméstica e do círculo de consumo. (LAYRARGUES, 2020, pág. 25)

Por isso, existe a necessidade de repensar essa Educação Ambiental, para que ela consiga ser crítica e combata esse problema estrutural formando, assim, sujeitos políticos críticos e transformadores.

O desafio é, pois, o de formular uma educação ambiental que seja crítica e inovadora, em dois níveis: formal e não formal. Assim a educação ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social. O seu enfoque deve buscar uma perspectiva holística de ação, que relaciona o homem, a natureza e o universo, tendo em conta que os recursos naturais se esgotam e que o principal responsável pela sua degradação é o homem. (JACOBI, 2003, pág. 196)

É necessário empregar a vertente Crítica da Educação Ambiental, sendo assim a melhor macrotendência para enfrentar o atual cenário governamental. Tendo como tema-chave

a centralidade girando em torno da Ecologia Política, dos Conflitos e Injustiça Socioambientais. (LAYRARGUES, 2020).

A Educação Ambiental Crítica ganha muito com a adoção das concepções híbridas dos sistemas socioecológicos. Este compromisso conceitual necessariamente instiga tentativas para integrar holisticamente as ciências naturais e sociais, permitindo uma investigação da natureza junto com o estudo da cultura, examinando reivindicações da ciência junto com os vários ângulos da política – para sublinhar aqui alguns pontos de entrada da modelagem híbrida na análise do complexo natureza-sociedade. (STAHELIN, 2015)

De acordo com Quintas (2008),

(...) uma Educação Ambiental Crítica, transformadora e emancipatória. Crítica na medida em que discute e explicita as contradições do atual modelo de civilização, da relação sociedade-natureza e das relações sociais que ele institui. Transformadora, porque ao pôr em discussão o caráter do processo civilizatório em curso, acredita na capacidade da humanidade construir um outro futuro a partir da construção de um outro presente e, assim, instituindo novas relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (pág. 18)

Neste contexto, podemos afirmar que com uma Educação Ambiental, é possível despertar e mobilizar o sujeito para lutar contra o desmonte ambiental e enxergar que o retrocesso ambiental existe e que precisa acabar. A tendência da Educação Ambiental Crítica é tematizar não apenas o ambiente natural, mas os aspectos socioambientais dessa relação. (TOZONI-REIS, 2008)

EA Crítica passa por uma visão do meio ambiente como um campo de sentidos socialmente construído e, como tal, atravessado pela diversidade cultural e ideológica, bem como pelos conflitos de interesse que caracterizam a esfera pública. (CARVALHO, 2008)

Desta forma, precisa-se salientar a indispensabilidade da mudança, o sujeito ecológico precisa renascer e agir para quebrantar o senso comum existente na cabeça de milhares de pessoas.

Educação Ambiental é Educação; e como tal, serve seja para manter ou mudar a realidade, reproduzir ou transformar a sociedade. A educação “ambiental” não só poderia como deveria ser praticada com responsabilidade “social”, pois com ela é possível contribuir com a mudança do quadro das desigualdades no país e no mundo. (LOUREIRO, LAYRARGUES e CASTRO, 2009)

3. METODOLOGIA

Para elaboração deste trabalho primeiramente foi feito um levantamento de referenciais teóricos, pesquisa bibliográfica e análise sobre o tema, para assim se construir uma base teórica consolidada e prosseguir com a pesquisa.

A metodologia consistiu no uso do método qualitativo, segundo Minayo e Sanches (1993, apud SERAPIONI 2000, p. 188), a pesquisa qualitativa trata de questões relacionadas a valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões.

A pesquisa foi feita com emprego da análise de discurso em entrevistas semi estruturadas aplicadas junto a cinco educadores ambientais, sendo quatro homens e uma mulher, de diferentes regiões do Brasil - Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste - com o intuito de compreender suas perspectivas com base em dois blocos de questão: I- Percepção do senso de Emergência Ambiental; II- Expectativa de reação da EA à conjuntura de Emergência Ambiental.

O roteiro de questões para a aplicação de entrevistas, dividido em dois blocos - elaborado com oito questões no primeiro bloco e quatro questões no segundo bloco - aborda concepções sobre o Colapso Ambiental, suas causas e consequências, sobre o governo vigente e sobre a Educação Ambiental no cenário atual, buscando conhecer a compreensão dos educadores ambientais selecionados para fazer parte da pesquisa.

A entrevista é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro (Apêndice) contendo tópicos em torno de uma problemática central. (HAGUETTE, 1995).

Sendo assim, a entrevista semiestruturada foi escolhida por ser um método de interação capaz de gerar uma aproximação com o sujeito e fazê-lo expor de forma espontânea seus pensamentos, vivências e ideias.

Entende-se a entrevista em “profundidade ou semiestruturada” quando o pesquisador, diante de uma temática norteadora, e tendo a narrativa como referência principal, realiza outras indagações, na busca da compreensão do que o participante está narrando. Ou seja, são indagações em torno de um questionamento norteador, que tem por objetivo a busca de sentido para o pesquisador em relação à pergunta e/ou ao objetivo central da investigação. (OJEDA, 2015, pág. 128)

O critério de seleção dos educadores ambientais a participar da pesquisa foi de identificar os autores mais presentes no campo da Educação Ambiental; assim, utilizou-se como

base da escolha, os autores mais citados em referenciais teóricos em trabalhos acadêmicos¹ e com isso, foi feita uma lista com os nomes desses educadores, na qual se retirou 5 entrevistados.

Após a seleção e o aceite dos educadores ambientais, considerando o fato dos selecionados não residirem na mesma localidade da pesquisa, optou-se pela realização da entrevista por meio de um aplicativo de videoconferência com horários marcados individualmente para cada educador, com o propósito de ter um diálogo fluido, onde fosse possível absorver suas compreensões dos assuntos colocados em questão.

Foi feita a transcrição do material obtido, a fim de posteriormente iniciar a interpretação através da análise de discurso.

Empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente. (GREGOLIN, 1995, pág. 20)

Em seguida, foram selecionados os extratos mais importantes que se identificavam com as questões abordadas em cada pergunta e traziam respostas claras sobre cada indagação, dessa forma se obteve uma maior compreensão para fazer a leitura e interpretação.

Realizada a seleção dos extratos, começou então a análise dos discursos embasada nas semelhanças e diferentes que cada educador transmitia em sua fala, focando em uma interpretação que transmitisse os efeitos sociais, com isso cada fragmento de texto tem sua importância para o entendimento da problemática do Colapso Ambiental e de suas causas e consequências, juntamente com a reação da Educação Ambiental.

¹ TEIXEIRA, Lucas André; NEVES, Juliana Pereira; SILVA, Fabiane de Paula; TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos; NADI, Roberto. REFERENCIAIS TEÓRICOS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM TRABALHOS ACADÊMICOS, p. 1-12.

DIAS, Marcello Romani; BARBOSA, Aline dos Santos; COLALILLO, Eduardo Gomes Peixoto. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL: ANÁLISE DOS ARTIGOS NACIONAIS MAIS REFERENCIADOS PELOS PESQUISADORES. Rev. Ibirapuera, São Paulo, p. 43-51, jan. 2016.

LOPES, Priscila Amaro; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Referências e sentidos da educação ambiental crítica nos Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental – EPEAs. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG**, v. 39, n. 1, p. 49-72, 3 jan./abr. 2022.

OLIVEIRA, Ana Carolina Brasil de; KAPLAN, Leonardo; DAWIDMAN, Larissa do Nascimento. POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA-MARXISTA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOMETODOLÓGICOS E IMPLICAÇÕES POLÍTICAS NO EMBATE COM AS CORRENTES PÓSMODERNAS. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 550-574, ago. 2021.

Segundo Foucault (1986), o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, logo o discurso constitui o conhecimento e o conjunto de enunciados que cria a realidade.

4. RESULTADOS

4.1 Percepção do senso de Emergência Ambiental

No que diz a respeito à percepção de que o Colapso Ambiental ainda é algo futuro ou já está no tempo presente, é possível notar respostas em conformidades, onde o Colapso não é de agora e sim um processo em curso que já se iniciou:

(E.1)

{...} então acho que a gente **já está dentro de um Colapso Ambiental**. E podendo ficar mais grave, ou seja, o **fenômeno se expressar de forma intensa e com consequências imprevisíveis** do ponto de vista humano e ambiental natural.

(E.2)

{...} não é o futuro, é alguma coisa que **já está acontecendo**

(E.3)

{...} é em relação à interpretação sobre o **Colapso Ambiental que a gente já está observando há bastante tempo**. É uma série de **fatos concretos** que tem implicado em perda de biodiversidade, desmatamentos, em termos globais, eu não estou falando só de Brasil.

(E.4)

{...} Não se trata de uma crise que vamos superar, mas é **uma chaga que teremos que enfrentar sempre**, já está no genoma.

(E.5)

{...} Acho que pode piorar bastante, **mas a gente já está em Colapso Ambiental**.

Nesta perspectiva é possível inferir através dos discursos, que o Colapso Ambiental é um fato já iniciado, crescente e universal. Não sendo possível tratá-lo como algo que ainda irá acontecer, pois com o passar do tempo seu agravamento vem acontecendo em nível global. O fato de estarmos dentro do processo, demonstra que somos cercados de crises ambientais graves que vem ocorrendo há muito tempo, trazendo consequências muitas das vezes irreversíveis, que afetam tanto o humano como a natureza em sua totalidade.

No que se refere a como chegamos nessa situação de Colapso Ambiental, é notório a colocação da Revolução Industrial como ponto de partida para a implementação do capitalismo, sistema econômico que carrega uma enorme responsabilidade acerca dos danos ambientais e socioambientais. As falas abaixo podem ilustrar essa interpretação:

(E.1)

{...} é **fruto de um processo histórico**. Principalmente pós século XIX, com a **Revolução Industrial**. Assim, a consolidação do **capitalismo como forma hegemônica e dominante**, de organização social da produção, é da existência social.

{...} então eu acho que a modernidade **capitalista é um divisor de água** (...) é o elemento em que se consolida essa ideia de expansão sem limite.

{...} você se reproduz pela exploração do trabalho e pela **destruição da natureza** como elemento necessário à **produção intensa de mercadorias** e em todos os níveis.

(E.2)

{...} relacionado com o **modelo de civilização**

{...} um **modo de produção**, que almeja um **crescimento ilimitado**

{...} como hoje **o capitalismo é a estrutura hegemônica**, então acho que ele carrega a **maior responsabilidade** nesse processo.

(E.3)

{...} desde a **revolução industrial**, com uma lógica de urbanização, na qual a premissa desta urbanização se dá pela **apropriação de recursos naturais**.

(E.4)

{...} Começou na **Revolução Industrial**, por volta do final de 1700

{...} Os **níveis insuportáveis nos dias de hoje** só revelam que a humanidade ainda não quer mudar o sistema.

(E.5)

{...} É, chegamos **pela reprodução de um modelo de sociedade que vem se mostrando insustentável** há muito tempo

Nesse contexto, existe uma compreensão de que o modelo capitalista é o causador desse modo de produção excessiva e infelizmente dominante, no qual faz o uso inadequado dos recursos naturais, de forma que afeta todo sistema, provocando uma crise, que gera um estado de urgência na mudança do sistema. Existe uma emergência da questão ambiental em escala local e global, em virtude dos impactos ambientais crescentes gerados pelo modo de produção capitalista dominante. Diante disso, fica evidente que a sociedade vem se desenvolvendo de maneira insustentável, causando diversos impactos socioambientais.

Tendo em vista sobre o fato das últimas epidemias e a atual pandemia estarem correlacionadas com a degradação ambiental e são uma evidência da presença do Colapso Ambiental, foi manifestado determinado consenso entre os entrevistados, notado que foi acentuado a respeito da expansão humana, consumo inadequado, destruição de habitats e o agronegócio. Destaca-se esses trechos abaixo.

(E.1)

{...} **expansão sobre áreas protegidas, de maus-tratos, de nenhum cuidado sanitário e de velocidade na circulação de bens e coisas e pessoas** é totalmente favorável ao surgimento de processos como da COVID-19.

{...} **é um sintoma de colapso**, com certeza.

(E.2)

{...} hoje em dia já existem evidências, muito fortes, de que essa pandemia na verdade, **Covid, não é um fator natural**

{...} é um **problema antropogênico**, ou seja, criado pela civilização humana, a ciência chama de **doença zoonótica**, que ocorre por aproximação entre animais silvestre e humanos, muitas vezes com mediação de animais domésticos.

{...} já está mais ou menos reconhecido que estamos diante de uma **crise zoonótica produzida pela aproximação através das destruições dos habitats**, estamos invadindo áreas que eram conservadas.

(E.3)

{...} tem a ver com o desmatamento (...) pela **perda da biodiversidade**.

{...} O próprio **COVID**, que está aí, pode ser associado a questões de **consumo inadequado de animais**.

(E.4)

{...} **O agro é o principal responsável** pelos patógenos como gripe suína, aviária ou aftosa entre diversas outras do H1N1, ebola ou outros que ainda nem conhecemos.

(E.5)

{...} A gente está vivenciando as consequências do **desequilíbrio desse ambiente**, tanto numa escala local quanto planetária, e eu acho que as **pandemias...ela é uma consequência também desse desequilíbrio**.

Neste enquadramento, é aparente a relação das pandemias e epidemias com o Colapso Ambiental, uma vez que existe um desmatamento em curso que atinge habitats, aproximando cada vez mais o humano dos animais silvestres. De acordo, com o E.5 estamos vivenciando consequências do desequilíbrio ambiental, tal qual as pandemias se encaixam.

Ao falar de perda de biodiversidade, ligado a utilização indevido dos recursos naturais, como por exemplo o agronegócio, observa-se uma conexão com a zoonose, onde micróbios ou vírus podem ‘saltar’ de uma espécie hospedeira para outra. A ação antropogênica se alastra rapidamente, tornando o processo de disseminação de vírus mais acelerado, logo não é um fator natural essa disseminação de doenças que vem afetando o ser humano, e sim uma consequência do Colapso Ambiental.

Nesse encadeamento, foi abordado sobre a Emergência Climática e questionado se era um sintoma do Colapso Ambiental, constatando-se nas falas um compilado de fatores que ocasionam o Colapso e é citada a Emergência Climática como um dos principais sintomas, provocando impactos que ameaçam a sobrevivência humana.

(E.1)

{...} (...) conjunto de fatos para entender o Colapso Ambiental, **o que mais mobiliza a sociedade global...é a Emergência Climática**

{...} uma das questões das emissões, o aumento da temperatura tem provocado **impactos muito preocupantes**.

(E.2)

{...} **Emergência Climática é um dos elementos principais**, que podemos chamar de Colapso.

{...} é uma parte desse processo, uma parte importante, ela **ameaça seriamente a capacidade de sobrevivência**, não apenas dos humanos, mas também de toda vida não humana.

{...} existe um **senso de urgência**, ou seja, para que não se ultrapasse um ponto de irreversibilidade.

(E.3)

{...} **Emergência Climática** se dá por esse processo de **industrialização** que o capitalismo impôs.

{...} Aumento expressivo de gás carbônico na natureza, associado a esse processo de expansão sobre áreas preservadas, destruição dos mares, regulação térmica, são **responsáveis diretos por essa variação e por essa Emergência Climática**.

{...} **Sintoma claro** de difícil reversão.

(E.5)

{...} **mais evidente de todos**, até porque não é um fato que ocorreu de uma hora para outra... e **vem se agravando**
{...} a gente está correndo **sérios riscos na questão das mudanças climáticas**, porque não é somente uma ideia de um próprio aquecimento progressivo que o planeta está enfrentando, mas que **esse aquecimento pode de uma hora para outra resultar em uma grande transformação das condições ambientais como um todo**.

As concepções apresentadas afirmam o vínculo direto da Emergência Climática com o Colapso Ambiental. As mudanças climáticas e a reação que a natureza tem em cima disso demonstra o quão grave é a situação. A transformação do meio ambiente através do aquecimento progressivo que vem acontecendo, muda drasticamente o cenário ambiental em que vivemos, ameaçando assim a capacidade de sobrevivência.

Dito isso, é de suma importância conectar os fatores para gerar uma interpretação do macro, as causas e efeitos do capitalismo, ocasiona o Colapso Ambiental, que tem como fator a Emergência Climática, que com suas variações surgem epidemias e pandemias. Tudo está interligado nesse cenário catastrófico.

Acerca do Ecocídio foi perguntado sobre um sexto processo de extinção em massa de espécies e se seu causador exclusivo seria o impacto antrópico.

(E.1)

{...} Não é a **primeira vez que você tem um processo de extinção em massa** na história planetária, a **diferença é que dessa vez é causada por uma espécie** e somos nós essa espécie.

{...} algumas **espécies** já se encontram em um **processo de difícil reversão**.

(E.2)

{...} em primeiro lugar, eu acho que isso (processo de extinção) já está **evidenciado** e isto que estamos assistindo **é resultado da ação antrópica**.

(E.3)

{...} nas espécies **animais**, a gente está vendo isso acontecendo de **forma constante**... em todas as partes do planeta, o número de espécies, os chamados hotspots, onde essas **espécies vão desaparecendo são significativos**.

{...}em relação à **sociedade humana**, o que a gente está observando é que na medida que **umentam os fenômenos extremos se perde mais vidas humanas**, na medida que aumenta a temperatura o risco de perda de vidas humanas se torna mais significativo.

(E.4)

{...}**Vamos ter perdas gigantescas**, não apenas da **vida**, mas de **elementos cruciais à Terra**, como a água, por exemplo.

(E.5)

{...}está muito evidente isso, os estudiosos dessa área têm mostrado que **a perda de espécies vivas, animais e vegetais**, ela tem acontecido em uma velocidade fora de uma perspectiva de equilíbrio e realidade

{...}Então assim, eu acho que sim, **a gente está vivenciando essa nova fase de um ecocídio** e certamente **causado pela ação antrópica desse modelo de sociedade**.

Analisando a fala do E.1, "Não é a primeira vez que você tem um processo de extinção em massa na história planetária, a diferença é que dessa vez é causada por uma espécie e somos nós essa espécie", é possível constatar que o processo de extinção é resultado de um conjunto de ações causadas pelo ser humano e não é a primeira vez que a extinção em massa acontece, ocasionando em uma sequência de perdas tanto de vidas quanto de elementos da Terra.

Além disso, percebe-se que através do impacto antrópico desse modelo de sociedade, o processo de perda de espécies está se tornando irreversível, uma vez que a necessidade de desenvolvimento é colocada como prioritário, no entanto se continuarmos assim as perdas vão aumentar, inclusive da espécie humana.

Ao falar, se o Brasil é considerado um país estratégico no contexto do Colapso Ambiental, não foi questionado esse caráter devido a Amazônia, porém atualmente vivenciamos condutas governamentais que afetam seu caráter estratégico.

(E.1)

{...}um **país estratégico** no ponto de vista da importância para a **conservação internacional**.

{...}no **contexto atual**, o **Brasil** passa a ser um **protagonista negativo**, péssimo no sentido econômico e péssimo do ponto de vista político, pelo seu negacionismo.

(E.2)

{...}Potencialmente **sim**, o **Brasil tem uma disponibilidade de recursos naturais**...têm um continente imenso, tem muita água, apesar de toda devastação ainda tem importância do ponto de vista florestal, da biodiversidade

{...}tem um **potencial muito grande de produção de alimentos**.

(E.3)

{...}O **Brasil** é um dos tantos países que têm um **caráter estratégico**, principalmente a Amazônia.

(E.4)

{...}**só se for estratégico para acabar de vez com o planeta**.

{...}Mas temos a **Amazônia**, que é um **triunfo forte**.

(E.5)

{...}é certamente ele é uma **peça importante**...quanto maior a diversidade mais possibilidade de resiliência

Apesar do Brasil ser colocado como de grande importância para conservação internacional, principalmente devido ao papel que a Amazônia exerce em relação ao mundo, as falas dos entrevistados 1 e 4 retratam o protagonismo negativo em virtude da má gestão econômica e política atrelado ao negacionismo que faz com que se intensifique seu desmatamento, então neste momento o Brasil apesar de sua disponibilidade de recursos se encontra como uma certa “ameaça” para o mundo em razão das ações governamentais.

Tratando da política brasileira, foi questionado se era possível afirmar que há um projeto intencional em curso de desmonte ambiental público na esfera federal no governo Bolsonaro, todos participantes afirmaram que “sim” com parecidos argumentos em relação às decisões do atual presidente Jair Bolsonaro.

(E.1)

{...} **Com certeza...você tem uma base que é vinculada com esses setores econômicos** que demandam uma **expansão territorial** para suas práticas (garimpo, mineração, avanço da pecuária).

{...} não por acaso, o **governo adotou uma política de desestruturação da política ambiental**

{...}sucateamento do órgão, colocação de pessoas que desconhecem o assunto em cargos estratégicos, em cargos de decisão, pessoas comprometidas com esses setores econômicos em cargos de decisão não é flexibilização da legislação, extinção de normas.

(E.2)

{...} **Acredito que sim...se a gente for fazer uma contextualização histórica, eu acho que é correto a gente dizer que a questão ambiental nunca foi um tema prioritário, mas ao mesmo tempo nunca chegou a níveis tão degradantes.**

{...} **desmonte sistemático de todas estruturas de gestão**, da própria educação ambiental, um ataque às leis ambientais

{...}o Brasil está de pernas pro ar... **a situação é ruim, muito ruim**

(E.3)

{...} **Sim, sem dúvida este governo realmente atende a interesses econômicos** de alguns **grupos fortes** e de outros **grupos que são seus aliados.**

{...} **desgoverno** provocado por uma pessoa absolutamente **desqualificada, predadora** que não mede esforços para atingir seus fins

{...}é tanto o **grau destruição de instituições**, de tentar desorganizar as organizações sociais, desmonte de políticas públicas de educação, de saúde, de meio ambiente... tudo em nome de um projeto pessoal.

(E.4)

{...}Com nomes, endereços e telefones. Estamos em plena guerra híbrida.

(E.5)

{...} **não tem a menor dúvida**, para quem lida com a questão ambiental isso fica muito evidente

{...}todo processo de desmonte que está acontecendo tem uma intencionalidade de gerar um afrouxamento de qualquer normatização

{...}tem uma total prioridade...que seja feita a acumulação da riqueza

É nítida a insatisfação com a conduta do presidente no viés ambiental, visualiza-se isso nos seguintes extratos, “é tanto o grau destruição de instituições”, “desmonte sistemático de todas estruturas de gestão”, “o governo adotou uma política de desestruturação da política ambiental”, assim sendo existe um emprego de palavras correlacionadas, destruição; desmonte; desestruturação, que retratam dano, desarticulação.

A questão ambiental não tem sido prioritária no governo Bolsonaro, sucedendo fatos degradantes como o E.1 expôs “sucateamento do órgão, colocação de pessoas que desconhecem o assunto em cargos estratégicos, em cargos de decisão, pessoas comprometidas com esses setores econômicos em cargos de decisão, extinção de normas”, esses são exemplo de desmonte da política ambiental brasileira intensificado pela ideologia governamental de “progresso”, destacando apenas o econômico e deixando de lado questões ambientais, educacionais e sociais.

Indagados se estão otimistas ou pessimistas ante o quadro do Colapso Ambiental, salienta-se o fato de que o quadro é sério e precisa ser discutido no sentido de mudança.

(E.1)

{...}**Pessimista de análise** e um **otimista de ação**, temos que ser realista, **a situação é muito grave**

{...}as pessoas não enxergam a gravidade da velocidade que a destruição que o capitalismo impõe, a destruição natural e a destruição social humana

{...}**quando você é realista de certa forma você fica meio pessimista**, não podemos desistir porque a história se faz fazendo, **tem que lutar**

(E.2)

{...}se houvesse vontade política, claro que também certo nível de consciência por parte da população, essa situação poderia ser contida, modificada

{...}infelizmente o que a gente assiste nesse arranjo é o **desmonte institucional das políticas públicas**, ataque sistemático

{...}**tendo a ser mais pessimista**, ainda que gostaria de não ser, porque eu acho que se houvesse uma vontade real seria possível reverter.

(E.3)

{...}nós vivemos numa **sociedade de risco** e isto implica que precisamos nos **organizar para prevenir, cada vez mais, diferentes tipos de desastres** que não só ambientais, mas desastres nucleares, desastres industriais e, obviamente aqui que estão falando de desastres sanitários.

{...}**não sou a palavra otimista, mas também não sou um pessimista**, ou seja eu trabalho dentro de uma perspectiva que temos que **buscar respostas**

{...}essas respostas têm que estar associadas com fortalecimento de práticas educativas que permitam estimular na sociedade solidariedade, cooperação e uma visão de sustentabilidade.

(E.4)

{...}acho que **situar-se em qualquer um destes extremos é falta de visão.**

{...}Os colapsos estão batendo nas portas, vai morrer muita gente, vamos sofrer muito e teremos catástrofes inimagináveis.

{...}Mas como enfrentar tudo isso, sem perder a esperança, ainda é um **desafio em plena construção.**

(E.5)

{...}eu acho que estamos vivendo uma situação muito ruim, **é difícil dizer que somos otimistas**

{...}procuro enxergar essa situação historicamente necessária **para que alguma coisa nova aconteça**

Depreende-se que na situação atual do Colapso Ambiental, nenhum educador ambiental entrevistado é otimista diante do cenário, porém apenas o E.2 relatou que tende a ser mais pessimista, os demais não escolheram nenhum dos extremos para caracterizar sua visão. No entanto, foram claros ao afirmar que a problemática é um desafio em construção e que precisamos de práticas educativas que estimulem a sociedade, mesmo a situação sendo grave é necessário lutar.

4.2 Reação da EA à conjuntura de emergência ambiental

No que se refere ao campo da Educação Ambiental, foi perguntado se ela está atenta e levando em consideração esse cenário de emergência e Colapso Ambiental.

(E.1)

{...}acho que **medianamente**, há setores na educação ambiental que tem essa preocupação e tem outro que acho que não

{...} mas eu **não diria que seja uma prática universalizada**

(E.2)

{...}a EA é **múltipla**, ela não é uma só, **existe uma Educação Ambiental mais preocupada com as questões políticas**, com os **encaminhamentos econômicos**, com o **quadro cultural**, que eu acho q essa sim está **sintonizada com esses problemas**

{...}acho que ainda existe uma certa **concepção de Educação Ambiental ainda muito ingênu**...muito comportamental de achar que se todo dia eu fizer um pouquinho o problema vai ser resolvido

{...}**individualização comportamentalista**...hoje é o dia da árvore, sem que se faça a conexão desses problemas aparentes, que são os efeitos, com as causas profundas

{...}a EA **até certo ponto está devendo um pouco**

(E.3)

{...}o campo da Educação Ambiental boa parte está sim, agora **a questão é justamente a implementação dessas ações**

{...}a prática de Educação Ambiental tem que ter cada vez mais um **repertório que amplie o diálogo**, que as pessoas não sejam apenas receptores, mas que elas sejam protagonistas.

{...}Educação Ambiental muitas vezes vem com uma receita pronta, sou totalmente contra isso, ou seja, nós **temos que pensar em uma EA cada vez mais cocriativa, que promova a corresponsabilidade.**

{...}A **Educação Ambiental tem que ser crítica**, que problematize e que as pessoas entendam a problematização
(E.4)

{...}nenhuma área do conhecimento está pronta, embora **estejamos atentos.**

(E.5)

{...}campo de EA é **bem amplo e diverso**...para aqueles que se debruçam sobre esse campo e percebem essa importância e centralidade da questão ambiental, que somos nós que estamos trabalhando com educação ambiental, eu acho que de certa forma a ideia do colapso está bem presente

{...}**agora as formas de enfrentamento**...tem possibilidades de serem **melhor trabalhadas e melhor percebidas, vivenciadas e realizadas**

{...}nessa perspectiva mais crítica a ideia de **radicalidade** ainda precisa ser mais intensificada no campo...a gente precisa **vivenciar a radicalidade dessa busca, dessa transformação, dessa ruptura desse modelo societário**, com esse modo de vida, para se **abrir para construção de uma nova possibilidade.**

Compreende-se então que o campo da Educação Ambiental é amplo e múltiplo, logo existem vertentes que estão atentas e buscando maneiras de enfrentar esse cenário de Colapso Ambiental em que vivemos, e outras que ainda se mostram ingênuas diante do quadro emergencial, portanto não é uma prática universalizada.

Segundo o E.3 a Educação Ambiental para ser efetiva e instrumento de mudança tem que ser crítica capaz de problematizar e fazer com que a sociedade entenda essa problematização. O E.5 segue uma linha de raciocínio parecida ao falar que, nessa perspectiva mais crítica, é necessário a ideia de radicalidade para que aconteça a ruptura desse modelo societário vigente.

Assim sendo, a Educação Ambiental atual não é a ideal, as formas de enfrentamento precisam ser melhores trabalhadas para atingir seus objetivos de conscientizar, promover o diálogo e despertar o comportamento coletivo. É necessária uma transformação para a construção de uma nova realidade.

Sobre se a política nacional de meio ambiente ser uma temática presente nas práticas de Educação Ambiental temos os seguintes extratos,

(E.1)

{...}eu acho que a **política ambiental** aparece com força nas práticas de educação ambiental na gestão ambiental pública

{...}o restante **eu diria que não, pouco conhece**, pouco sabe sobre possibilidades de **uso da legislação a nosso favor.**

(E.3)

{...} sim, ela está, a questão é que justamente essa política está sendo **desmontada**
{...} estamos vivendo 4 anos de desmonte da política ambiental, mas ela foi instituída

(E.4)

{...} hoje não, o Bolsonaro acabou com isso.

(E.5)

{...} eu acho que tem hoje a política nacional acontecendo a partir de uma **iniciativa individualiza**
{...} ela existe como uma lei, existem suas letras mas **são letras mortas**, porque o governo não vem fazendo seu papel de incentivo e implementação dessa política.

Mais uma vez o atual governo como principal culpado da não aplicação da política nacional de meio ambiente, visivelmente expresso pelo E.5 “existem suas letras mas são letras mortas, porque o governo não vem fazendo seu papel de incentivo e implementação dessa política”. Um instrumento poderosíssimo que deveria ser usado a favor da preservação do meio ambiente, está sendo deixado de lado pelo desgoverno que não mede esforços para desmontar as políticas públicas ambientais.

Quanto às práticas de EA no Brasil, em termos de Colapso Ambiental e Antiecológico, foi perguntado se é incorporado no debate pedagógico o desmonte da política ambiental federal no governo atual

(E.1)

{...} **o governo atual fez um desmonte também na educação ambiental**... teve uma desregulamentação violenta e uma desestruturação de políticas muito fortes... por uma disputa ideológica
{...} a uma guerra ideológica na educação

(E.2)

{...} eu acho que **tem uma produção que está atenta a isso**, denunciando esse desmonte, que está preocupada com esse retrocesso
{...} educação ambiental é um campo com múltiplas expressões
{...} agora eu quero crer que as pessoas que têm um nível mediano de formação eu acho que elas estão entendendo que a realidade ambiental está vivendo momentos difíceis e é preciso fazer esforços para esclarecer, reverter, conservar.

(E.3)

{...} a nossa visão é que temos que ser resilientes

(E.4)

{...} acho que **poucos grupos conseguiram sair de suas ingenuidades**, infelizmente. Por isso é impressionantemente importante diálogos com demais setores, pessoas e movimentos.

(E.5)

{...} o campo da Educação Ambiental, no meu entendimento engloba até a perspectiva **conservadora**... ela é muito mais uma EA conservadora não pelo seu viés ideológico, mas muito mais pelo viés da própria perspectiva da fragilidade dos educadores

{...} **deficiência muito grande no processo de formação dos educadores ambientais**, o que faz com que a maior parte das ações tenham muitas fragilidades em buscar uma educação ambiental transformadora, crítica e emancipatória

As práticas de Educação no Brasil sofreram no governo atual um desmonte e uma desestruturação, não foi diferente com a Educação Ambiental. Hoje temos como reflexo a utilização da perspectiva conservadora nos debates ambientais, o que demonstra o déficit de uma EA crítica, transformadora e emancipatória. Apesar de alguns grupos entenderem a realidade ambiental, ainda existe um longo caminho a se percorrer para atingir toda a sociedade. O diálogo e as denúncias têm um papel importante para a mudança de pensamentos e formação de sujeitos políticos críticos.

Em relação à opinião dos entrevistados sobre a contribuição da EA diante desse cenário emergencial do Colapso Ambiental, foi possível concluir que a Educação Ambiental é uma ferramenta de mudança e precisa ser crítica.

(E.1)

{...}o **educador ambiental**...tem que se **organizar no sentido da participação das grandes lutas sociais**
{...}não dá para ficar em cima do muro, a educação ambiental é plural...mas os educadores ambientais comprometidos com o enfrentamento desse Colapso Ambiental, da Emergência Climática **tem que assumir um lado**

{...}tem que ter um **projeto pedagógico** onde as atividades sejam meios para uma reflexão mais aprofundada, uma compreensão mais aguda do que que essa sociedade e a favor do que nós estamos, de que lado estamos na história e como agente pode enfrentar essa barbárie do ponto de vista individual e coletivo

(E.2)

{...}a educação tem esse papel de mudar a cultura que está em degradação
{...}a gente tem que **tomar consciência dos problemas do nosso tempo**...no sentido multidimensional, do social, do ambiental, do político, da dimensão cultural, das questões tecnológicas
{...}problematizar valores da nossa civilização
{...}educação ambiental tem esse desafio de resgatar os problemas políticos, os problemas culturais, a desigualdade social

{...}não tratar o meio ambiente apenas como uma realidade biofísica, mas como um problema social, político
{...} tem o lado da denúncia e do esclarecimento e o lado da ação...do **diálogo com todas as gerações**
{...}educação ambiental crítica...**estimular o pensamento crítico** e uma educação autonomista, onde as pessoas sejam estimuladas a pensar por si próprias e chegar nas suas conclusões

(E.5)

{...}acredito e continuo apostando muito na **formação desse educador ambiental**...diante dessa situação de colapso que estamos vivendo, a questão da gravidade ela nos reporta para a importância que essa formação seja dentro de uma perspectiva de radicalidade
{...}educadores ambientais que sejam capazes de na sua formação se transforme para romper com toda essa perspectiva hegemônica de toda sociedade moderna

{...}infelizmente não temos um processo de formação na perspectiva de política pública

A Educação Ambiental é necessária e precisamos repensar os propósitos aplicados por ela para formação dos sujeitos. Dessa forma, promove a estimulação dos pensamentos críticos e faz com que eles cheguem às suas próprias conclusões, sem agir pelo senso comum. Outro ponto importante é a formação do educador ambiental para que a ampliação do conhecimento seja passada da forma correta atingindo todos os grupos sociais, fazendo assim a adequada problematização dos valores e atitudes sociais, políticas e ambientais.

Nesse sentido, através da educação ambiental adequada é possível despertar e mobilizar o sujeito para lutar contra o desmonte ambiental e exercer seu papel de ação na sociedade, tratando a natureza como parte do todo, não com inferioridade, mas com o cuidado fundamental para sua conservação e preservação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, nota-se a relação do Colapso Ambiental com o sistema capitalista que visa o crescimento econômico, sem se importar com o que precisará destruir para alcançar objetivos cada vez maiores e inviáveis para o meio ambiente. Isso atinge diretamente a sociedade, pandemia e epidemias advêm da aproximação do homem com a animais silvestres, doenças são disseminadas rapidamente.

Outro fator crucial é a Emergência Climática, onde as ações humanas e o estilo de vida consumista são as principais causas das consequências que estamos e vamos sofrer. O modelo societário falhou, o impacto causado pela ação antrópica atinge até o próprio humano, não estamos mais em um mundo onde seja possível não sentir na pele os danos causados por toda destruição, o sexto processo de extinção está ocorrendo, no agora.

Sobre a política do Brasil, está ocorrendo um desmonte de políticas públicas ambientais federais, onde o governo atual utiliza de premissas errôneas, o que se torna uma bomba para todo o mundo. O presidente é totalmente negacionista em várias questões, o cenário ambiental está defasado, temos leis que protegem o meio ambiente, mas infelizmente são leis sem aplicabilidade.

Perante o exposto, se faz imprescindível buscar formas de enfrentamento, para isso utilizar a Educação Ambiental Crítica como instrumento de mudança é essencial. Trabalhar as compreensões do que vem acontecendo no Brasil, de forma que atinja a todos, impacta na transformação da perspectiva da realidade, visando um futuro melhor e mais consciente.

Vale ressaltar que os educadores ambientais entrevistados, como principais nomes da EA brasileira, estão em sintonia com o senso de urgência que estamos vivenciando, não estão alienados com o processo de desmonte ambiental e Colapso Ambiental. Logo, são lideranças capazes de influenciar no campo da Educação Ambiental e perpetuar o conhecimento necessário e correto sobre a crise ambiental planetária.

Esse estudo nos possibilitou entender a indispensabilidade da mudança dos sujeitos e a formação de uma sociedade ecológica que precisa agir para quebrantar o senso comum e lutar pelas causas reais desse Colapso Ambiental. É primordial enxergar o Colapso como um problema advindo de várias falhas do sistema capitalista e perceber que o retrocesso ambiental está acontecendo há tempos. Não estamos mais no momento de combater o micro dos problemas e sim, lutar contra o macro.

6. REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Inny Bello, SANCHEZ, Celso (2015). “O antiecológico necessário”

ALVES, Richard; MARTINS, Isabel. EM TEMPOS DE ANTIECOLOGISMO NO BRASIL: uma análise discursiva multimodal de texto sobre sustentabilidade em um livro didático de ciências, ano 2021.

ARTAXO, Paulo. As três emergências que nossa sociedade enfrenta: saúde, biodiversidade e mudanças climáticas, 11 nov. 2020.

BORGES, Orlindo Francisco. ECOCÍDIO: UM CRIME AMBIENTAL INTERNACIONAL OU UM CRIME INTERNACIONAL MAQUIADO DE VERDE?. RIDB, Ano 2 (2013), nº 7, 6457-6495.

Educação Ambiental no Brasil, Ano XVIII boletim 01 - Março de 2008.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber* Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FRIGO, Mariléia Jacinto. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO AMBIENTE ESCOLAR: DESAFIOS E AÇÕES PARA A SUSTENTABILIDADE, 2010.

GREGOLIN, M. R. V. Discourse analysis: concepts and aims. Alfa, São Paulo, v.39, p.13-21, 1995.

GUIMARÃES, Mauro. EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA. MMA, Brasília, ano 2004, p. 27- 36.

HAGUETTE, T.M.F. Metodologias qualitativas na sociologia. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade, 2 abr. 2003.

JOVÊNCIO DE FARIA, Walter Júnior; AIRES F.DA SILVA, Luiz Maurício. REPENSAR A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM OLHAR CRÍTICO, 2012, p. 1-13.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências políticas - pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. Ambiente & Sociedade, São Paulo, ano 2014, v. XVII, n. 1, p. 23-38.

LAYRARGUES, Philippe. ANTI ECOLOGISMO NO BRASIL: REFLEXÕES ECOPOLÍTICAS SOBRE O MODELO DO DESENVOLVIMENTISMO-EXTRATIVISTA-PREDATÓRIO E A DESREGULAÇÃO AMBIENTAL PÚBLICA. *Cidadania, Meio Ambiente e Sustentabilidade* (pp.325-356), 2017

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Educação Ambiental nas sociedades capitalistas. *Novamerica*, ano 2018, n. 157, p. 24-30.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para onde vai a educação ambiental? O cenário político-ideológico da Educação Ambiental brasileira e os desafios de uma agenda política crítica contra-hegemônica. *Revista Contemporânea de Educação*, ano 2012, n. 14, p. 398-421.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Pandemias, colapso climático, antiecológico: Educação Ambiental entre as emergências de um ecocídio apocalíptico. *Revbea*, São Paulo, ano 2020, v. 15, n. 4, p. 1-30.

LAYRARGUES, Philippe. Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. *Ensino, Saúde e Ambiente – Número Especial*, pp. 44-88, Junho. 2021

LAYRARGUES, Philippe. MUITO ALÉM DA NATUREZA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E REPRODUÇÃO SOCIAL 1, 2006

LAYRARGUES, Philippe; PUGGIAN, Cleonice. CONVERGÊNCIAS NA ECOLOGIA POLÍTICA: QUANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ABRAÇA A LUTA POR JUSTIÇA AMBIENTAL. *Pesquisa em Educação Ambiental*, vol.11, n.2 –pags. 72-82,2016.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philipe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza. *Repensar a educação ambiental: um olhar crítico*. São Paulo: Cortez, 2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; SÁNCHEZ PEREIRA, Celso; ACCIOLY, Inny Bello; NOGUEIRA COSTA, Rafael. *Pensamento Ambientalista numa sociedade em crise*. Macaé: NUPEM/UFRJ, 2015.

MORÉ, Carmen. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde: Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais//Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales//Volume 3*, 2015.

QUINTAS, José Silva. EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE GESTÃO AMBIENTAL PÚBLICA: A CONSTRUÇÃO DO ATO PEDAGÓGICO. *Sobradinho,DF*, dezembro de 2008.

QUINTAS, José Silva. Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*, [S. l/], p. 113-140, 2004.

QUINTANA, Ana Carolina; HACON, Vanessa. O desenvolvimento do capitalismo e a crise ambiental. *O Social em Questão* - Ano XIV - nº 25/26 - 2011, [S. l], p. 427-444.

RINDADE BARRETTO FILHO, Henyo. Bolsonaro, Meio Ambiente, Povos e Terras Indígenas e de Comunidades Tradicionais: uma visada a partir da Amazônia. *Cadernos de Campo* (São Paulo, online) | vol. 29, n.2 | p.1-9| USP 2020

SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel; MENDONÇA, Patrícia; FERRARO JUNIOR, Luiz Antonio. Educação ambiental como política pública. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005.

APÊNDICE

Roteiro para entrevistas com Educadores Ambientais

PRIMEIRO BLOCO – Percepção de emergência ambiental

1. Você acredita que Colapso Ambiental ainda é algo futuro ou já está presente agora?
2. Como você acredita que chegamos a essa situação de Colapso Ambiental?
3. Você concorda com o fato de que as últimas epidemias (SARS, MERS), a atual pandemia (COVID-19) possam estar correlacionadas com a degradação ambiental, e são uma evidência da presença do Colapso Ambiental planetário?
4. A Emergência Climática é outro fenômeno presente que nos trouxe um ‘novo normal’ climático, e isso também é sintoma do Colapso Ambiental?
5. Nesse cenário de Colapso Ambiental, um novo conceito tem despontado na literatura e na prática do Direito Internacional, que é o ‘Ecocídio’. Você acredita que estamos diante de um sexto processo de extinção em massa de espécies, dessa vez causada exclusivamente pelo impacto antrópico?
6. O Brasil pode ser considerado um país estratégico no contexto do Colapso Ambiental? Porque?
7. É correto afirmar que há um projeto intencional em curso de desmonte ambiental público na esfera federal no governo Bolsonaro?
8. Você se entende mais pessimista ou otimista ante esse quadro do Colapso Ambiental? Porque?

SEGUNDO BLOCO – Reação da EA à conjuntura de emergência ambiental

1. Na sua opinião, o campo da EA está atento e levando em consideração esse cenário de emergência e Colapso ambiental?
2. Você acredita que a “política nacional de meio ambiente” é uma temática presente nas práticas de EA?
3. Você acredita que as práticas de EA no Brasil, em termos de Colapso Ambiental e Antiecológismo, incorporaram o debate pedagógico do desmonte da política ambiental federal no governo atual?
4. Qual deve ser na sua opinião a contribuição da EA diante desse cenário emergencial do Colapso Ambiental?

Educadores Ambientais (brasileiros e vivos) mais citados no campo de EA

- Carlos Frederico B. Loureiro
- Isabel Cristina de M. Carvalho
- Genebaldo Freire Dias
- Gustavo Lima
- Luiz Marcelo Carvalho
- Marcos Reigota
- Marcos Sorrentino
- Marília Tozoni-Reis
- Mauro Guimarães
- Mauro Grün
- Michèle Sato
- Philippe Pomier Layrargues
- Rita Mendonça